

Cartografia das fronteiras e dos limites na Amazônia setentrional

Graciete Guerra da Costa

Pós-doutora, Professora da Universidade Federal de Roraima – UFRR
graciete.costa@ufrrl.br

Jorge Pimentel Cintra

Professor Titular, Museu Paulista da USP
jpcintra@usp.br

Resumo:

O trabalho estuda as características particulares da formação das fronteiras e dos limites na Amazônia setentrional incluindo alguns mapas produzidos e acontecimentos na Região em meados do século XVIII. O povoamento da Hileia testemunhou o crescer de um dos ricos patrimônios culturais e arquitetônicos do Brasil. O objetivo desse trabalho foi fortalecer a Cartografia Histórica e o estudo da região. As condições criadas pela falta de conhecimento inclui o desca-so para com a memória nacional. Esse povoamento se situa próximo às fronteiras em locais de antigos acampamen-tos de tropas de resgate. A localização escolhida pelos portugueses foi função das características estratégicas milita-res, em geral grandes platôs de desenho triangular, retangular ou quadrado, parte deles se localiza no meio da floresta. Esse na Amazônia setentrional situa-se às margens dos rios Tacutu e Uraricoera e o próprio Rio Branco. Os princi-pais mapas escolhidos foram: “Mappa Geographico de huma Parte do Império do Brazil”, de 1777; e o “Plano da Geo-graphia do Alto Rio Branco, conforme os mapas de Silva Pontes, Gama Lobo, Shomburgk, e o Plano do Pirara levan-tado em 1843 pela Comissão de que foi Chefe o Tenente Coronel F. Carneiro de Campos”, ambos do Arquivo Históri-co Ultramarino de Lisboa. Os acontecimentos na Fronteira Norte da Amazônia se apresentam como um referencial na análise da estratégia e da logística de segurança do colonialismo lusitano na Amazônia. A geopolítica encarnada nos limites contextualiza a demarcação de espaços transfronteiriços subsequentes ao Tratado de Madri (1750). A política da Coroa Portuguesa, de fortificar, demarcar, ocupar e povoar a Região que lhe cabia, faz parte da decisão pombalina de substituir as missões religiosas por freguesias, confiada a militares, a representantes do rei, e a alguns membros do clero. A nomeação de Mendonça Furtado, irmão do Marquês de Pombal, para Governador do Grão-Pará surge para confrontar a Companhia de Jesus e o poderio que ela já representava. Para Pombal a prosperidade da Amazônia estava ligada à liberdade dos índios utilizados como mão-de-obra de exploração aos produtos da floresta, as “drogas do sertão”. No meio de tantas inquietações, que se multiplicavam dia-a-dia venceu o Primeiro Ministro de D. José às últimas hesitações do Rei, e em 03 de setembro de 1759 surgiu o famoso alvará expulsando os Jesuítas do Brasil. Quatro anos depois a Companhia de Jesus foi extinta. A divisão territorial incrustada por propriedades da Igreja pas-

sou a contar com o apoio da sociedade civil. Os mapas existentes por todo o vale do Rio Amazonas pontuam as fortificações portuguesas e outras ensaiaram substituir as antigas missões religiosas.

Palavras-chave:

Amazônia Setentrional, Fronteiras e Limites, Cartografia Histórica, Arquitetura Militar.